

Projecto

“GENTE ACOLHEDORA”

BOLETIM INFORMATIVO Nº 2

MARÇO — ABRIL 2006



PARCEIROS

- União de Sindicatos do Norte Alentejano
- Associação Gente - desenvolvimento em comunidades rurais
- Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco
- Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide
- Câmara Municipal de Nisa
- Câmara Municipal de Alter do Chão

NESTA EDIÇÃO:

Encontro Transnacional	1
Histórias de Vida	2
Histórias de Vida (cont.)	3
Imigrantes produzem 7% do PIB Português	4
Filme: Lisboaetas - Sérgio Tréfaut	4

Encontro Transnacional

Decorreu nos dias 23, 24 e 25 de Fevereiro o primeiro Encontro Transnacional da Parceria Transnacional “Ponto de Encontro”. O tema principal do Encontro foi a Mediação Intercultural. Assistiram aos trabalhos as respectivas delegações dos 5 projectos parceiros.

O primeiro dia dos trabalhos decorreu no Centro de Formação do IEFP, em Portalegre, realizando-se dois workshops de trabalho temáticos: o primeiro sobre as Representações Sociais dos Imigrantes, isto é, apurar através das TIC, várias histórias de vida de imigrantes e vários países; o segundo sobre a mediação intercultural, em que se planificou a metodologia de trabalho a utilizar para elaborar um guia de boas práti-

cas ao nível europeu sobre esta temática.

No segundo dia de trabalhos decorreu o Seminário sobre Mediação Intercultural, na Biblioteca Municipal de Nisa, onde foi apresentado o *Kit Sem fronteiras* do Projecto Equal da 1ª Fase Sem Fronteiras, cuja entidade interlocutora é a Associação Terras de Dentro - destinado a promover a interculturalidade e o conhecimento da multiculturalidade nas escolas, através de vários jogos pedagógicos.

Foi apresentado também o modelo de mediação intercultural francês pelo projecto *Kores*, utilizado nos subúrbios de Paris, com especial destaque para o papel das mulheres imigrantes como mediadoras.

O projecto francês

Creus'Ac apresentou o trabalho técnico realizado em residências de estudantes oriundos das Colónias Francesas, dando importância ao trabalho dos técnicos/as como mediadores/as entre as instituições de origem e de acolhimento.

O projecto espanhol *Profis*, destacou a importância da mediação intercultural, como instrumento de integração fundamental para a integração dos imigrantes na sociedade espanhola.

O último dia de trabalhos teve lugar em Alter do Chão, sendo destinado a questões de monitorização e avaliação do projecto.

Ficou agendado para o próximo mês de Julho o segundo encontro, a realizar em Bratislava, Eslováquia.

Histórias de Vida

Alina Velniciuc

A saudade também se escreve (e sente) em romeno

“ Já fui e já regressei;/ já tornei a ir e tornei a regressar;

aqui estou, de pés no chão, /sem um vintém, sem um tostão,

a querer ir... / e tornar a regressar...)

- Poesia de Cabo Verde sobre a Emigração

Portugal já foi ponto de partida e de encruzilhadas. Aqui se iniciaram muitos dos caminhos que deram a volta ao mundo, construindo a geografia do sonho, da esperança e da liberdade. O sonho de uma vida melhor, a esperança de um futuro sem sombras nem fantasmas, a liberdade para tomar nas próprias mãos esse destino forjado na luta e no trabalho do dia a dia.

Esse tem sido o desígnio de Alina Velniciuc em Portugal, numa viagem iniciada há quatro anos no seu país natal, a Roménia e que teve o

Alentejo como porto de abrigo. A sua história, tal como no-la contou.

Alina Velniciuc tem 29 anos, os olhos cor de mel, o sorriso de quem já aprendeu que o futuro não se obtém de mão beijada, mas é conquista, dura, permanente.

Veio da Roménia para Portugal há quatro anos. Chegou ao Alentejo, como poderia ter chegado a Trás-os Montes ou ao Litoral. O apelo de um familiar foi o primeiro contacto com uma região e um país de que aprendeu a gostar.

Está em Nisa, onde vive e trabalha, sem nunca esquecer o tesouro em forma de criança, que deixou lá na sua vila, bem perto de Arad, uma cidade com mais de 170 mil habitantes e um acervo patrimonial notável.

“Cheguei a Portugal em 2002, a Borba, no Alentejo, através do contacto de um primo. Senti muitas dificuldades, como todos aqueles que chegam a uma terra

estranha e onde se fala uma língua diferente. Estava sozinha e aos poucos fui aprendendo a falar português, as palavras mais necessárias.

Em Borba estive três ou quatro meses. Os primeiros tempos foram muito duros. Andei na apanha da azeitona, num monte onde não se via ninguém, apenas os meus compatriotas. O patrão parecia boa pessoa e de confiança, mas trabalhámos no duro e não nos pagou. Trabalhei depois num restaurante e a principal dificuldade era entender os clientes, aquilo que eles pediam”.

Trabalho precário para quem chegou a Portugal com um visto de turista, temporário. Alina deu-se conta de que, tal como na



Histórias de Vida (cont.)

sua Roménia, também aqui existiam dificuldades económicas.

O contacto de outro familiar, a trabalhar no corte de eucaliptos, fê-la rumar ao norte do Alentejo. Nisa passou a ser a sua terra de promessa e de esperança num trabalho que lhe proporcionasse as poupanças necessárias para um dia retornar ao país de origem.

“A Nisa, cheguei em Janeiro de 2003. Estive na casa da senhora Rosa do Pardal e o primeiro trabalho, durante 3 meses, foi na limpeza. Não digo que era mau, mas era só aos sábados e o que ganhava não daria para viver, quanto mais para fazer algumas economias. Em Abril, comecei a trabalhar neste restaurante e aqui me tenho mantido”.

É um trabalho para o qual parece sentir-se “como peixe na água” e, sabendo-se que em Arad trabalhou num restaurante, não espanta a prontidão, a eficiência e o profissionalismo com que dá resposta às solicitações da clientela.

“Saí da escola aos 11 anos, andei numa

escola profissional e tenho o diploma de costureira. Comecei a trabalhar desde muito cedo. A minha satisfação, aqui, é ver as pessoas bem servidas e a todos trato por igual. Gosto deste trabalho, pois sou uma pessoa muito adaptável e tenho muita força. Se estivesse na Roménia não ganhava nada, aqui ao menos trabalho e vivo melhor.”

O romeno pertence, tal como o português, ao grupo das línguas novi-latinas. Alina não conhece, na sua língua, a palavra saudade. Mas sente-lhe os contornos, a angústia da lonjura, os apelos da alma confrontada com a distância e a incerteza.

“Tenho uma filha com 8 anos. É ela a minha força, o meu tesouro. A minha luta é para ajudar a minha filha. “Mato” as saudades através do telefone e da televisão. Gosto de estar aqui e sinto-me alentejana. Tenho uma casinha, a vida aqui é tranquila, não há barulhos nem desentendimentos, as pessoas respeitam-me. Posso dizer que estou adaptada a Portugal e

a Nisa. Quando fui à Roménia já tinha saudades de voltar”

Há quatro anos em Portugal, Alina Velnicuic tem travado uma autêntica batalha contra a burocracia pela legalização. O processo tem sido moroso, apesar do apoio da própria entidade patronal e de outras instituições. Alina não perde, contudo, a esperança.

“Tem sido uma grande luta e alguma coisa acontece. Há compatriotas meus que já estão legalizados. Já gastei muito dinheiro e fui à Roménia. Tem sido difícil. Mas não vou desistir, quero ficar aqui mais alguns anos, não tenho planos para ir embora.”

Ficar, trabalhar, resistir, construir a pulso e determinação, a esperança de um futuro melhor. Para si, mas, principalmente, para o pequeno tesouro que deixou na Roménia.

“Se houvesse um centro de informação, um espaço cultural com jornais, revistas, livros e até cursos de língua portuguesa, as coisas tornavam-se mais fáceis.

Imigrantes produzem 7% do PIB Português

Eduardo de Sousa Ferreira, co-autor do livro “Viagens de Ulisses – Efeitos da Imigração na Economia Portuguesa” afirmou ao Diário Económico do passado dia 5 de Maio que o “contributo dos imigrantes para a economia portuguesa passou dos 5% calculados em 2004 para os 7%.

Segundo o mesmo autor tal crescimento deveu-se à “abertura” das fronteiras europeias aos 10 países que fizeram parte do último alargamento da

UE.

Actualmente os trabalhadores do Leste representam cerca de um terço da população imigrante activa em Portugal. No seu conjunto esta população contribui para cerca de 1,5% do Produto Interno Bruto.

Segundo os dados do ACIME- Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, no final de 2004 já eram cerca de 140 mil os estrangeiros provenientes da Europa de Leste inscritos na

Segurança Social.

Apesar de não ser possível contabilizar todos os imigrantes em Portugal, os últimos dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras contabilizaram cerca de 440 mil imigrantes (com autorizações de permanência e autorizações de residência).

Estima-se que entre este conjunto e os cidadãos com situação legal irregular somem o total de 500 mil imigrantes em Portugal.

Filme: Lisboa- Sérgio Tréfaut

Estreou recentemente o novo filme de Sérgio Tréfaut, distribuído pela Atlanta Filmes. Comentado nos principais jornais diários nacionais, dá agora azo a sessões de debate em inúmeras salas do país, após a sua projecção.

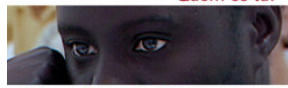
Este filme pretende responder a duas questões essenciais: “Será que o fluxo de imigrantes muda realmente Lisboa e Portugal?”, “ Ou será que a diversidade dos recém-chegados se vai diluir pouco a pouco sem deixar rasto, na indefinível indolência do país”.

Lisboetas conta várias histórias reais em simultâneo, vividas na primeira pessoa, em cenários reais, que todos conhecemos, mas que poucos vivenciamos (como o Martim Moniz, por exemplo).

A generalidade deste filme- documentário reside, para além de reunir trechos reais de pessoas reais, consegue tocar em aspectos-chave na integração dos imigrantes em Portugal, revelando as deficiências de um sistema excessivamente



Quem és tu?



O que fazes aqui?



MELHOR FILME PORTUGUÊS INDELISSBOA 2004



burocrata (legalização, emprego, saúde, etc) e a fragilidade aparente de quem chega a uma cidade nova, com uma cultura totalmente diferente.

Sérgio Tréfaut

Sérgio Tréfaut nasceu em 1965 no Brasil, filho de pai português e de mãe francesa. Após o mestrado de filosofia na Sorbonne e uma experiência de dois anos como jornalista, passou a dedicar-se exclusivamente à produção e realização de filmes.

Projecto co-financiado por:

